

## Transferência de campus da UFRJ, na Urca, para o Fundão causa polêmica

(Paula Autran)

Dezenas de estudantes aproveitaram a reunião do Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão, na manhã de quinta-feira, para entregar ao reitor, Aloísio Teixeira, um abaixo assinado de professores, alunos e funcionários exigindo que a reitoria da universidade realize um plebiscito oficial que decida se a UFRJ deve ou não assinar o decreto do governo que institui o programa de Reestruturação das Universidades (Reuni). Entre outras coisas, a comunidade acadêmica quer opinar sobre a possível transferência dos cerca de seis mil alunos do campus da Praia Vermelha para o a Ilha do Fundão, onde estão 70% dos 32 mil estudantes matriculados na graduação da federal e oito mil na pós.

A proposta é uma das mais polêmicas do Programa de Reestruturação e Expansão da UFRJ, que prevê a concentração de todos os cursos - incluindo os de outras unidades, como a Escola de Música, na Lapa; a Faculdade de Direito, na Praça da República; e o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (Ifcs), no Largo de São Francisco - no Fundão. Com isto, poderiam ser abertas mais 3.500 vagas, principalmente com cursos noturnos, segundo o reitor. O projeto será entregue até o fim de setembro ao Conselho Universitário - composto por 51 membros, a maior parte professores, além do reitor e dos decanos - que tem até o final de outubro para deliberar, a fim de que ele seja encaminhado ao Ministério da Educação.

A UFRJ nasceu da junção de faculdades de Direito, Engenharia (Politécnica) e Medicina, em 1920. Mas, como elas eram dispersas pela cidade, em 1920 começaram as discussões sobre um campus que reunisse toda a universidade. A Ilha do Fundão foi formada por oito ilhotas da Baía de Guanabara unidas por um aterro. Começou a ser ocupada em 1957, pela faculdade de Arquitetura.

Buscando a integração entre um campus e outro

Aloísio Teixeira, que foi reeleito em julho com 89% dos votos, diz que não vai impor suas idéias à comunidade da UFRJ. Mas acredita que pode convencer estudantes de professores de que o projeto é maior do que a simples mudança física.

- Só 10% dos jovens entre 18 e 24 anos estão na universidade, 2% deles nas públicas. Precisamos adequar a estrutura da universidade para a universalização do ensino e para que o conhecimento seja cada vez mais transversal. Queremos uma universidade integrada, onde o estudante possa circular de uma área a outra. Para isto, é preciso haver proximidade física entre os cursos. Hoje temos muitas limitações, pela distância entre um campus e outro. A idéia da transferência vem daí - diz ele, que dá aulas no Departamento de Economia, na Praia Vermelha, e enfrenta diariamente resistências.

E completa:

- Todos me olham de cara feia. Mas o que aconteceria, por exemplo, se a Medicina tivesse ficado lá? Está certo que a saída do departamento foi traumática, no período militar, com o prédio demolido. Mas e se a engenharia tivesse ficado no Largo de São Francisco? Entre outras coisas, não teríamos a Coppe. Universidade vive de polêmica. A gente estava muito parado nestes últimos anos.

O reitor reconhece as vantagens de lecionar na Praia Vermelha, não só pelos problemas de segurança que a cidade enfrenta, mas também pela beleza e pela história do campus da Praia Vermelha.

- Mas o Palácio não suporta por mais tempo o trânsito de 2 mil a 3 mil pessoas por dia. E fazer reforma em prédios preservados também é um problema - pondera ele, que também enfrenta muita resistência na Escola de Música, na Lapa. - Afinal, o prédio é histórico e tem a sala Leopoldo Miguez, cuja acústica é maravilhosa. Aquele espaço tem que continuar ligado à escola, para apresentações e prática de orquestra. Mas também queremos levar a música para os outros cursos.

Contra a violência no Fundão, vigilância permanente

Sobre os problemas de violência da Ilha do Fundão, o reitor diz que hoje o campus conta com vigilância permanente, portões que se fecham depois de um determinado horário e câmeras:

- O principal problema do campus da Ilha do Fundão está nos acessos. Até procuramos o governo do estado para discutir soluções. O desenvolvimento do campus, com a expansão dos cursos e de projetos como os da Petrobras e da Eletrobras, também significam um ganho para a cidade.

Mas alunos e professores do campus da Praia Vermelha, que seria transformado em um centro cultural, estão divididos quanto à possível mudança de endereço.

- O projeto de integração é bastante interessante. Mas o que incomoda nessa mudança é não saber o que pode acontecer com o Palácio Universitário. Temos medo que ele seja abandonado, largado às traças, se sairmos daqui - diz Luísa Soares, aluna do 6 período de Economia.

- A princípio, sou contra. Transferir o campus não ia adiantar nada se, de fato, não houver outras mudanças. Além disto, mais do que a questão da segurança, me preocupam problemas de acesso à Ilha do Fundão. Haverá transporte suficiente para todo mundo? - completa Adriano Belisário, do 5 período de Comunicação, que mora no Centro.

Também Ivana Bentes, diretora do Departamento de Comunicação Social é contra a mudança:

- Apóio o projeto da reforma, da expansão. Mas acho que o campus da Praia Vermelha pode perfeitamente ser adaptado a este projeto, juntamente com o do Fundão. Poderiam ser construídos novos prédios ali, a fim de que mais alunos pudessem estudar, ainda que em outros cursos, sem o diploma tradicional.

Já para Beatriz Rezende, coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura - que esta semana reuniu cerca de 15 ex-alunos para discutir as propostas - a mudança será positiva.

- Vamos dar continuidade à discussão. Tenho a experiência do curso de Letras, que ganhou dignidade e cresceu depois da mudança para a Ilha do Fundão - diz ela.